

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 144

Data: 20.02.75

Pg.: \_\_\_\_\_

**Uma guerra à espera de Apoena**

ESP-20.2.75

**MANOEL LIMA**  
Correspondente em Manaus

Em pé de guerra, escondidos e armados na mata à espera do ataque. É assim que os índios waimiris-atroaris aguardam a expedição do sertanista Apoena Meirelles, que seguiu ontem para a região com 69 homens — dois sertanistas, mateiros e cinco xavantes — para reiniciar os contatos com os índios que a Funai considera particularmente perigosos.

Patrulhas do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção, com sede em Roraima, realizaram há alguns dias o reconhecimento da área dos rios Abonari e Alalaú, na frente Sul da rodovia Manaus-Caracará, que corta a reserva indígena. Os militares comprovaram que os atroaris estão sob clima de guerra, realizando rituais guerreiros nas malocas que ficam a 20 quilômetros da estrada.

Um relatório sigiloso sobre a tensão na área indígena foi encaminhado pelo comando do BEC a Apoena Meirelles, informando-o que os índios não se mostram propensos a aceitar a presença de qualquer expedição de brancos. Nesse relatório, os índios são apresentados como guerreiros que ainda guardam na memória o massacre

que praticaram em dezembro, quando trucidaram o sertanista Gilberto Pinto e mais três trabalhadores da Funai. As patrulhas militares realizaram missões de reconhecimento terrestre e aéreo, quando descobriram novas malocas, antes abandonadas e agora habitadas, ao Norte do rio Abonari e que inclusive não figuram no mapa da Funai sobre a reserva indígena.

Antes de viajar para o Abonari, acompanhado de sua mulher, a antropóloga Denise Meirelles, Apoena mostrou-se temeroso quanto ao destino de sua expedição, mas ressaltou que a habilidade e a coragem vão superar qualquer situação difícil, embora saibamos que os índios estão arredios e não se mostram, pelo que pode observar durante o levantamento aéreo que fiz da área, propensos a aceitar a pacificação e nem a presença do pessoal da Funai.

**COMERCIO**

Apoena referiu-se também ao fato de, segundo informações que obteve de mateiros da região, os índios continuarão mantendo contatos e comercializando peles de animais silvestres, que abatem com "gateiros" (caçadores de onça) e pescadores que atuam principalmente nos rios Uatumam,

Alalaú e Igarapé do Pretinho, onde eles já mataram, por duas vezes, trabalhadores da Funai.

— Sei, pelos relatórios que li, elaborados pelo Gilberto Pinto, que os índios não aceitam diálogo com o pessoal da Funai. A nossa principal preocupação agora é a de descobrir por que os índios repelem qualquer aproximação com o pessoal da Funai, pois os exemplos estão aí para não desmentir ninguém: nos últimos sete anos, desde a expedição Calleri, eles só têm trucidado trabalhadores da Funai, enquanto comercializam tranquilamente com brancos. É preciso descobrir o por que disso.

Na expedição de Apoena

Meirelles está o mateiro Paulo Alves, o Paulo Mineiro —, único sobrevivente da expedição Calleri, liquidada em 1968, pois desconfiou da intenção dos índios, tendo inclusive alertado ao padre Calleri sobre o fato. Dois dias depois, Paulo Mineiro voltou ao Igarapé do Santo Antonio e só encontrou os corpos das nove vítimas.

**UM ESTUDO**

Logo que chegou a Manaus, Apoena disse que sendo os índios bons fisionomistas, sua intenção era não levar elementos remanescentes de outras missões que sofreram ataques dos índios. Mas Paulo Mineiro vai na expedição e Apoena Meirelles explica: "Paulo Mineiro é o mais antigo da expe-

dição, conhece a fundo a região. Ele orientará as turmas que darão apoio à construção da estrada. Mas não irá aos locais onde deixaremos presentes aos índios, pois estes, vendo-o, poderiam reconhecê-lo e isso seria uma temeridade".

Apoena Meirelles leva também sua mulher, que vai realizar o primeiro trabalho antropológico sobre o comportamento e cultura dos waimiris-atroaris, o que nunca foi feito pela Funai, sendo esse um dos erros que as demais expedições cometeram. "Como podemos pensar em pacificar uma tribo se, primeiro, não conhecemos o seu dialeto e, segundo, somos leigos quanto à sua cultura, comportamento e tradições?"